

**A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO  
SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA**  
*THE TRAGEDY AND THE COZINESS: THE HOME AS A RESTING PLACE FOR  
THE BEING IN THE PICTURES OF CHRONIC PAIN AFFECTION*

Caê Garcia CARVALHO

Professor Adjunto de Geografia da Universidade Federal  
de Roraima (UFRR). Doutor em Geografia pela  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
E-mail: cae.garcia@ufr.br

**RESUMO**

Discutimos a experiência limite do habitar a casa dentre indivíduos que apresentam o quadro de dor crônica e generalizada através de duas afecções, a fibromialgia e a artrite reumatoide. Em face da contumaz limitação física, o espaço privilegiado da existência passa a ser casa, ente ao qual os agentes em questão se prostam em adoração. Mas, por outro ângulo, podemos questionar: como uma claustrofobia não fundamenta esta relação com a casa e restrita à casa? Na tensão entre a casa-ninho e a casa-prisão, a experiência do habitar em face da dor tesa às cores da topofilia para com o lar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dor crônica, habitar, lar, autoetnografia.

**ABSTRACT**

In this paper, we discuss the limits of the human experience of home for individuals who suffer chronic and generalized pain through two diseases: fibromyalgia and rheumatoid arthritis. In the face of the contumacious physical limitation that afflicts them, their home becomes the privileged space of existence, the entity to which the agents prostrate themselves in adoration. But from another angle, we can ask: how claustrophobia is not the essence of their relationships with their homes and their restriction to their space? In the tension between the house-nest and the house-prison, the experience of dwelling in the face of pain strained to the colors of topophilia towards home.

**KEYWORDS:** Chronic pain, inhabit, home, autoethnography.

## INTRODUÇÃO

As reflexões empreendidas neste artigo são germinadas de nosso doutoramento em Geografia no qual exploramos as relações estabelecidas entre ser e espaço no crivo da dor, mais exatamente, da dor em seu quadro crônico através da experiência de mulheres – e do próprio autor – que enfrenta(m) a fibromialgia<sup>1</sup> e a artrite reumatoide<sup>2</sup> (padeço com os dilemas da primeira afeção citada). Nosso objetivo primal<sup>3</sup> era evidenciar como, através da experiência de determinados lugares, se engendra uma metamorfose deste sujeito vilipendiado pela dor, encetando uma recuperação física (melhora da sintomatologia) e existencial (reascendendo as fagulhas do desejo pela vida) destes agentes.

Na consecução da pesquisa seguimos um fundamento metodológico que poderíamos qualificar como tripartite: de um lado, realizamos entrevistas com vinte mulheres (idades variadas, entre 18 e 60 anos), dez diagnosticadas com fibromialgia, nove com artrite e uma com ambas as enfermidades; do outro, ancoramos nossas problematizações numa análise autoetnográfica; e, por fim, a arte em muito nos auxiliou na compreensão da temática em tela.

O objetivo com estas entrevistas foi vislumbrar a experiência de mundo destas mulheres e problematizar nossa hipótese – da recuperação clínico-existencial a partir de novas experiências de vida tecidas em determinados lugares, algo experimentado por este pesquisador. Ademais, uma análise centrada única e exclusivamente na minha experiência poderia incorrer num esteio subjetivista.

A autoetnografia, por seu turno, se mostrava fundamental. Se o intento era problematizar como a experiência de determinados lugares transforma a subjetividade outrora destruída pela dor, como compreender o sentido que os lugares podem vir a ter na vida das pessoas? Apenas entrevistas dariam conta? Respondemos que não, lembrando ainda que a geograficidade – a relação que nós, seres humanos, mantemos com o mundo (DARDEL, 2015) – tende a ser mais vivida do que expressa (RELPH, 1979) ou, como diria Sartre (2003), o outro só me aparece como objeto, seu Ser-Para-Si, seu íntimo, não me seria acessível. E é justamente este íntimo da relação do ser com o espaço que se quis explicitar.

<sup>1</sup> Síndrome dolorosa crônica, não inflamatória e de etiologia desconhecida, com sua nomenclatura designando, literalmente, dores (*algia*) nas fibras (*fibro*) musculares (*mio*, músculo).

<sup>2</sup> Termo genérico que engloba diversas doenças que produzem uma inflamação no tecido conjuntivo, particularmente nas articulações, ou uma degeneração não-inflamatória desses tecidos (LAURINDO et al., 2004).

<sup>3</sup> Uma análise que tem essa questão como foco foi publicada na Revista de Geografia da Saúde, Hygeia (CARVALHO, 2022). O aporte teórico remonta à Psicanálise (FREUD, 1987; 1995), à Fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1968; 1999; HEIDEGGER, 2005; 2012; SARTRE, 2003) e à Geografia Humanista (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2014; CHAVEIRO, 2014; HOLZER, 2014; RELPH, 2014; SARAMAGO, 2014). Em que pese às contraposições entre os auspícios fenomenológicos e psicanalíticos, procuramos estabelecer, entre estes aportes, correlações, como já o fizera, em perspectiva similar, Merleau-Ponty (1990).

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

Assim, a saída para uma visão mais acurada quanto à relação sujeito-lugar fora um retorno aos *meus* lugares, uma autoetnografia<sup>4</sup>. Compreender a minha experiência para elucidar a do outro nesta intersubjetividade marcada pelo fenômeno da dor é um momento crucial para a elaboração de nossos argumentos – e aqui mergulharemos num dos princípios fundamentais da Fenomenologia, a dimensão intersubjetiva que esteia o mundo da vida.

Não se trata, porém, de simplesmente transpor ao outro uma verdade colhida através de mim. A questão é que minha experiência não ressoa apenas em minha voz, se trata de uma experiência em condições similares e de um mundo comum, de um mundo que se anuncia em nós estabelecendo uma “relação do visível” – diria eu, do mundo mesmo – “que me atravessa e me constitui como sciente”<sup>5</sup> (MERLEAU-PONTY, 1968, p. 140). E não se trata de estabelecer a dúvida metódica para, por mim, discernir o real, mas de compreender que o ser-no-mundo, a relação deste pesquisador para com o mundo e do mundo neste ego, me transpassa, anima outros corpos além do meu. Essa relação com o mundo, como diria Merleau-Ponty (1968), ilumina todas as carnes e não só a minha.

Neste contexto, objetivo da realização das entrevistas não é, exatamente, a validação de um ponto de vista colhido extrinsecamente (a partir de meu caso). O que se almeja é evidenciar a confluência entre o eu e o outro no fenômeno da experiência de mundo no crivo da dor, confluência que faz revelar, justamente, o modo de ser-no-mundo atravessado pela experiência da dor.

A arte<sup>6</sup>, nesta problematização, também se consolidou como essencial. A obra de arte, conforme anuncia Heidegger (2010), desvela o ser enquanto sendo (enquanto é e insiste em ser, em sua realidade fática) e, por isso, o ser que se vela é iluminado, abre-se para a consciência humana.

É neste sentido, inclusive, que a arte é instauradora de mundos. É isso porque, na medida em que permite vislumbrarmos, através de si, a realidade de tal ou qual fenômeno, a arte erige caminhos para a verdade (HEIDEGGER, 2010).

Explicitado o corpo metodológico da referida tese e do presente artigo, anunciamos que, através do cerne comum – entre mim e as entrevistadas –, apreendemos a experiência da casa, na qual a arte nos auxiliará na compreensão do que é o próprio lar.

E aqui já apontamos dois termos em conjunção: casa e lar. Na esteira do vivido, casa e lar, mormente, possuem a mesma significação na língua portuguesa. Isso se processa diferentemente, por

<sup>4</sup> As notas autoetnográficas apresentadas neste artigo são derivadas da tese *O corpo e o espaço na cotidianidade da dor: o apelo dos lugares* (CARVALHO, 2021).

<sup>5</sup> Tradução livre de: “[...] a relation of the visible with itself that traverses me and constitutes me as a seer” (MERLEAU-PONTY, 1968, p.140). Optamos por traduzir *seer* não no sentido literal de vidente, pois o visível, na filosofia de Merleau-Ponty, adquire um estatuto maior que a “visão” no sentido corrente a que lhe atribuímos. Por isso o “sciente”, como emprega em contexto similar, Ingold (2015): aquele que está aberto, sensível ao tecido do mundo.

<sup>6</sup> As citações de obras literárias, poemas e músicas também foram apresentadas com destaque em itálico para fins de diferenciação.

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

exemplo, no inglês, onde *house* (casa) adquire um sentido mais formal-funcional, uma habitação, enquanto *home* evoca, ao espaço doméstico, o aconchego do ninho.

É no sentido de lar que devemos, neste texto, situar a casa. Os termos, especificamente no contexto delineado, são intercambiáveis. E veremos, doravante, como a condição da dor crônica realça ainda mais a essência da casa enquanto lar<sup>7</sup>.

A vida sob a pesada insígnia da dor engendra uma metamorfose no ser, projeta uma dimensão inédita da existência, contamina a totalidade das suas relações com o mundo num insidioso pessimismo (BRETON, 2013). Retração quase absoluta de si ao mundo, principalmente por conta das limitações físicas, um ente ganha, justamente, proeminência no ser: a casa. Em face à dor, veremos a casa se decantar, como o faz Bachelard (2005), enquanto ninho e fortaleza, um berço topofílico (TUAN, 2012).

Mas podemos também debater a questão por um ângulo oposto e suplementar: como uma claustrofobia não se pronuncia nessa relação que se estabelece com a casa? Estamos falando de mulheres que, em alguns casos, se vêm restritas não apenas à casa, mas, basicamente, ao próprio quarto – o caso de Lina<sup>8</sup> e o meu próprio durante um semestre no momento mais crítico da enfermidade.

Nossas reflexões se engendram nesse paradoxo, nessa tensão: ninho-fortaleza, clausura-prisão. Estamos, doravante, numa experiência-limite do habitar. E, justamente por essa tensão, por tal paradoxo, a percepção da casa tesa às positivities para com o lar. Já no início deste texto, pois, indicamos sua conclusão.

Em que pese as críticas de Lefebvre (2008), preferindo não o primado já-posto da conclusão, mas o caráter processual da construção do pensamento e, pois, dos conceitos e teorias, tem-se certo feito estilístico na forma de problematizar os fenômenos em pauta como aqui fizemos (antecipando o fim). É justa a alegação do filósofo ao afirmar que, sob esta via, partimos de verdades pré-estabelecidas com as quais meramente haveremos de reafirmar ao término.

Mas esta crítica não nos acerta, pois o que aqui é dado é um fato da realidade empírica: quem viveu e vive nas condições supracitadas nunca reclamou de viver no seio do lar, mesmo que a vida se restringisse a isso. Praticamente todas as entrevistadas afirmavam categoricamente “gostar muito de ficar em casa”, “ser caseira”, “preferir ficar em casa” etc. Inclusive nos casos em que uma melhora das condições físicas permitia o refluir da vida, a primazia da casa se mantinha. Mas, como Lefebvre, temos

---

<sup>7</sup> Lar, por seu turno, não se restringe, necessariamente, à casa ou à qualquer outro ambiente material circunscrito. Como expressa Relph (2014), o lar vincula-se à experiência espacial do sujeito no qual impera o senso de pertencimento e familiaridade e aqui, sobremaneira, lar articula-se ao conceito de lugar (TUAN, 1983). Embora não estejamos trabalhando com esta perspectiva neste escrito, em nossa tese, o caso no qual nos detemos com ênfase para discutir a experiência do lugar como mote elementar da recuperação do sujeito, acompanhou estas reflexões. Em uma de nossas entrevistas, é quando “do retorno ao lar” (estas são suas palavras) que ela edifica uma melhora acentuada em seu quadro clínico. Imigrante, o retorno ao lar é para o Brasil, para Bahia, para Salvador. Seu lar (CARVALHO, 2021; 2022).

<sup>8</sup> Estamos utilizando codinomes na identificação das entrevistadas.

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

algo por explicitar, construir: as razões – filosóficas, ontológicas e poéticas – que tornam o lar, clausura se visto de fora, o puro aconchego para quem vive sob o desterro da dor.

Ademais, estamos bem acompanhados neste recurso estilístico-literário, o fim que é começo. Seguimos os passos, respectivamente, de Gabriel Garcia Márquez (1981), Lima Barreto (2008) e Tolstói (2009) em *A crônica de uma morte anunciada*, *O triste fim de Policarpo Quaresma* e *A morte de Ivan Ilich*. Notório, inclusive, como o tema da miséria humana parece evocar, precisamente, este ensejo. A desgraça é tamanha – em nosso caso, o horror da dor, nos outros, o precipitar da vida – que sua anunciação quer, desde já, se afirmar. Mas a casa, diferentemente das tragédias dos escritores mencionados, em sua poesia e tecitura, subverte a desolação. É também acerca da felicidade que escrevemos numa dialética sutil e premente entre a casa-prisão e a casa-concha.

E devemos dizer que abraçamos, de todo, a contradição, o paradoxo esboçado. Neste esteio, chegamos, inclusive, a contradizer cabalmente a tese em questão posta neste artigo (do aconchego da casa). Mas é, justamente, elevando a contradição ao ápice e, assim, conduzirmo-nos à aparente dissolução do aconchego à tragédia, que veremos o emergir daquele em toda sua potencialidade – tornando a casa, pois, cerne da fruição topofílica, propriamente, um lar.

### A TRAGÉDIA

Antes de pautar a casa, devemos considerações maiores acerca da experiência da dor crônica, uma vez que a proeminência do lar não se dissocia dessa dimensão da vida das mulheres (e de minha própria).

Embora já tenhamos delineado em traços gerais a problemática da dor, devemos apresentá-la de maneira nua e crua. Fundamentalmente, a vida pela dor é marcada pela inércia. Como relata Villma, “com dor eu não fazia nada, só ficava em casa mesmo, não conseguia fazer absolutamente nada. Só ficava no quarto gemendo ou então eu ia pra emergência tomar um remédio” (as falas entre aspas são frutos das entrevistas). Neste contexto, como anunciado na introdução, muitos de nós passam por longos períodos trancafiados, sendo a única alternativa de escape os compromissos médicos. Isso releva como toda a vida está em torno da problemática da dor, anulando, possivelmente, quase todas as esferas da vida social.

Chica, outra entrevistada, ilustra esse processo:

Eu vivi agora, passei a viver, em prol de tratamento, fiquei negligenciando trabalho por conta própria mesmo [da dor], passei pra me cuidar, porque já cheguei no tempo que eu me sentia limitada e sem condições mesmo de trabalhar, porque só vivia em prol do tratamento, era de

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

segunda à sexta, de segunda à sexta. Eu entrava na clínica com Dr. Max, por exemplo, como ele não tinha horário certo, eu entrava na clínica 08:30, eu saía 17h da tarde.

É neste contexto de reclusão que a casa se anuncia e mesmo às que têm uma vida social mais dinâmica, aquelas que conseguem manter o trabalho, por exemplo, só encontram a possibilidade de ser livre dentro da casa – “na minha casa eu posso ser eu mesma” (Aline). Sem o saber, a entrevistada desemboca nas mesmas considerações filosóficas acerca do lar, a casa se configurando como um refúgio íntimo no qual desenvolvemos nossos modos de ser: a casa “permite a manutenção e difusão de hábitos e alimenta a construção de nossa personalidade, em seus ideais e sonhos” (FERREIRA, 2021, p. 76) – e isso a tal ponto de, possivelmente, predizer muito mais sobre a nossa identidade do que a imersão psicanalítica no desvelamento da ipseidade (BACHELARD, 2005).

Segundo Bachelard (2005), a casa, em seu aconchego, é berço da essência da noção de lugar – lugar como *locus* onde mantemos nossas raízes e estamos aninhados; e seguiremos as suas metáforas (ninho e concha) para explicitar como a casa é, justamente, percebida e vivida por estes sujeitos. A angústia que certamente encontra eco no leitor ao evocarmos narrativas de pessoas que passaram quatro a seis meses dentro de 75 m<sup>2</sup> (como eu) ou 40 m<sup>2</sup> (como Lina), saindo apenas para tratamento, nunca foi sentida por quem viveu – na condição corpórea aqui especificada – aquele tempo e naquele espaço.

Antes de nos aventurarmos na elucidação da experiência da casa, avancemos mais no pessimismo total (perante à vida) e na retração total (perante o mundo).

De acordo com Breton (2013), se a alegria e o prazer marcam o jogo da vida cotidiana, numa expansão, ampliação das relações com o mundo, a dor, ao contrário, é vivida e vista com absoluta estranheza, tirando do indivíduo, frequentemente, a vontade de viver – “se eu continuasse assim, eu acho que iria me matar, porque não dá para viver com dor”, declarou Vilma.

Com o corpo ultrajado, como ver os amigos se está acamado? Como ir a uma festa se meia hora em pé é mais que uma tortura? Como trabalhar se o corpo fadiga? “Tipo, você perde o interesse de estar em contato com grupos” – mesmo as pessoas das mais animadas – “porque eu sou muito dada e sou muito de ter amigos, eu sou muito de formar amigos, mas você perde; tipo, tem encontros, aí você diz assim ‘como é que eu vou pra festa se eu tou com dor? Como é que eu vou pra...’” (Chica). A doença crônica mina a estabilidade do corpo e os efeitos desta interrupção, tanto na fina escala do movimento quanto do funcionamento corporal, implicam em novas negociações de seu entorno: o aspecto físico da doença tende a fechar os espaços e impõem limites estreitos ao espaço do corpo ao seu entorno imediato (MOSS; DYCK, 2003).

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

A conclusão é cruel e (aparentemente<sup>9</sup>) absoluta, defende Breton (2013), se espraia por toda a vida: retraimento e solidão. O espaço social (pensando-o aqui nos lugares e relações sociais através dos quais se desenrolam as sociabilidades dos sujeitos) se esvai. As geógrafas Pamela Moss e Isabel Dyck descrevem tal refugio a partir de uma de suas entrevistadas:

Patience [nome fictício da entrevistada] seguiu. Ela continuou a ensinar em período integral, tomar conta da filha de onze anos, manter o trabalho doméstico, fornecer suporte para sua irmã e mãe [ambas com problemas de saúde], e viver numa relação [com seu marido] no limbo. No início de seus sintomas, concorrente com uma série de desgastes emocionais, ela escolheu não contar para ninguém. Parecia muita coisa para lidar frente às complicações de uma doença nebulosa. Ao invés de se engajar nas atividades depois da escola, ela fingia compromissos familiares e ia para casa descansar. Como o ciclismo abalava seus ossos e o caiaque desgastava sua musculatura, ela começou a se distanciar de suas atividades com amigos [...]. Seus amigos ficavam frustrados com Patience por cancelar encontros no último minuto ou por estar ocupada demais para encontrar alguém [mera desculpa]; ela começou a telefonar para sua mãe ao invés de visitá-la; e passou a ver a irmã menos frequentemente, se comunicando por e-mail. Um ano depois, ela começou a se afastar ainda mais de sua família, dizendo a eles que estava muito ocupada na escola. Ela permaneceu em contato com um pequeno círculo de amigos, com os quais ela não se relacionava fora das paredes do ambiente profissional<sup>10</sup> (MOSS; DYCK, 2003, p. 3).

Neste contexto, não é difícil imaginar como a dor aguça o sentimento de solidão e obriga o indivíduo a uma relação privilegiada com seu sofrimento: “o desinteresse pelo mundo exterior e o fechamento em si alimentam uma atenção exclusiva a qualquer mudança corporal, a amargura ligada à vida diminuída tende a invadir a experiência inteira, a suscitar um pessimismo total” (BRETON, 2013, p. 35).

Mas, no seio deste pessimismo, desta desolação, onde nenhum espaço parece comportar a especificidade do corpo – eis a casa: ninho e concha, resguardo e fortaleza.

### A POÉTICA DO espaço: O ACONCHEGO DA CASA

Para inspirar nossa reflexão acerca da casa, valemo-nos das análises fenomenológicas de Gaston Bachelard (2005), como o título desta seção, aliás, entrevê.

<sup>9</sup> Fissuras nesta condição de retração e pessimismo total podem advir e esta foi, aliás, uma das prerrogativas do apelo dos lugares trazendo novas cores e dinamismos à vida destes agentes (CARVALHO, 2022).

<sup>10</sup> Tradução livre de: “Patience persevered. She continued to teach fulltime, care for Danielle [her child] who was 11 at the time, maintain the household, provide support for her mother and sister [both with health problem], and live in a relationship in limbo [with her husband]. At onset of her symptoms, concurrent with the series of emotional upsets, she chose not tell to anyone. There seemed too much going in without further complicating matters with a nebulous illness. Rather than engaging in after-school activities, she feigned family commitments and went home to rest. Because cycling jolted bones and kayaking frayed her muscle, she began distancing herself from her active friends [...]. Her friends became frustrated with Patience for canceling outings at the least minute or being too busy even to meet. She began phoning her mother rather than dropping by; and she saw her sister less frequently, relying on email. After a year or so, she began withdrawing even further from her family, telling them she was busy at school. She stayed in contact with a small circle of friends, ones whom she did not relate through outdoor activities” (DICK; MOSS, 2003, p. 3).

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

Seguindo os ensinamentos do autor, veremos essência da noção de lar a partir da analítica poético-fenomenológica. É esta essência que reverbera e ressoa ainda mais fortemente, à casa, dentre aqueles que padecem de um quadro algico crônico.

E se seguimos este compasso, deve-se esmiuçar o que fundamenta uma *análise fenomenológica das imagens poéticas*, uma fenomenologia da imaginação. Tais imagens aportam à essência da casa, do que é o lar – é precisamente o exacerbar da imaginação que nos propicia o movimento de imersão nas imagens cunhadas pelos escritores quando o apelo poético revela a essência do habitar a casa.

Uma imagem poética ganha sua razão de ser ao disparar no leitor/ouvinte, justamente, uma *imagem* da cena evocada nos versos de uma poesia, de uma prosa, de um romance.

Com a explosão de uma imagem – fugaz em seu nascimento, porque nos toma sem aviso; porém cristalina ao ponto de ressoar para sempre em nosso ser – se esclarece o interesse de uma fenomenologia da imaginação. Esta fenomenologia se efetiva num estudo das formações das imagens que emergem na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser humano em sua totalidade no encontro com a poesia (BACHELARD, 2005). Quando compreendemos uma imagem poética, quando em nós ela ressoa, realmente, nós a vivemos, nem que seja pelo crivo da imaginação. São estas imagens que queremos evocar imaginativamente para que o leitor possa compreender, na tragédia, o aconchego da casa.

Mas como tais imagens poéticas revelam a essência do que quer que seja, no nosso caso, a essência da relação de nosso ser com a casa? Como indaga Bachelard (2005, p.3), “como esse acontecimento singular e efêmero que é o aparecimento de uma imagem poética singular pode reagir – sem nenhuma preparação – em outras almas, em outros corações [...]?”.

O ser de uma imagem poética perpassa a dimensão intersubjetiva, ou transubjetiva, como prefere o autor. E o faz porque, pela obra, se fundamenta o ser do fenômeno, em nosso caso, da casa. A arte desvela o ser (casa) enquanto sendo (enquanto é e insiste em ser, em sua realidade fática) e, justamente por isso, o ser que se vela é iluminado (HEIDEGGER, 2010). Haveremos de mostrar em que consiste a realidade da casa, do lar.

É com a arte, pois, que indagamos a casa. O que nos dizem os poetas acerca do lar? A imensa quantidade de “dados” (certamente um mau termo para nos referirmos às imagens trabalhadas) em vários poetas, marcados por contextos espaço-temporais de ordem diversa – para não mencionarmos o “efeito similar” das imagens nos homens/mulheres que as contemplam – atravessam e expõem, de antemão, a essência da casa já vislumbrada nas metáforas da concha e do ninho.

Aqui, as convergências de imagens excepcionais “proporcionam, de certa forma, uma confirmação para a pesquisa fenomenológica. A imagem perde sua gratuidade. O livre jogo da



## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

imaginação já não é uma anarquia” (BACHERLAD, 2005, p. 73). Sem dúvida, uma poesia que só diga respeito a uma experiência subjetiva do próprio autor, pouco em nós nos despertaria. É o ensejo que tais imagens despertam – no presente contexto, pelo crivo da experiência comum, intersubjetiva do que é viver e experienciar o lar – que poetas, em pequenos versos, tanto nos desestruturam quanto nos deixam em êxtase:

*As vezes te odeio por quase um segundo, depois te amo mais*  
(Os Paralamas do Sucesso, 1988).

Parecia que se direcionaria o leitor para tratar da casa e, como uma virada dramática num enredo de um filme, o verso em tela aborda um tema completamente diferente.

Evocamos a temática amorosa porque a casa, por sua cotidianidade, sua mundanidade, talvez não adquira seu verdadeiro esplendor para muitos leitores. Talvez estejamos por demais habituados para compreender todo o seu valor. Embora saibamos que é sempre um prazer retornar para casa, sobretudo em longa ausência deste ninho, nessa comparação, talvez, o amor seja mais arrebatador.

E é com a profundidade do verso de H. Vianna que devemos ler, também, as seguintes imagens poéticas da casa:

*[Ó casa]*  
*De súbito adquires uma face quase humana*  
*Estás perto de nós*  
*Abraçando, abraçados*  
(RILKE 1929, apud BACHELARD, 2005, p. 27).

Como a experiência de ter um lar é quase universal, as palavras colhidas por Bachelard se vivificam sem maiores dificuldades para compreender esta experiência intersubjetiva do que é ter um lar, do que é viver no conforto da casa. Outras obras vêm ao nosso auxílio:

*Digo minha Mãe. É em ti que penso, ó Casa*  
(MILOSZ, 1929 apud BACHELARD, 2005, p. 61).

*O ninho tépido e calmo*  
*Onde canta o pássaro*

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

*Lembra as canções, os encantos [...]*

*Da velha casa*

(CAUBÈRE, 1995 apud BACHELARD, 2005, p. 112).

Como bem lembra Bachelard (2005), nosso primeiro contato com o mundo não é com o mundo em si – é com a casa. Ela é o nosso primeiro mundo. É nela onde crescemos. É o nosso ninho.

*Sonhei com um ninho em que as árvores repeliam a morte*

(SHEDROW, 1956 apud BACHELARD, 2005, p. 115).

O ninho, tão frágil se pensarmos em sua figura natural (o que não dissipa o cerne de seu aconchego), repele as intempéries – mesmo a morte! A própria casa é um ninho do mundo: nela vivemos com uma confiança nativa onde não conhecemos a hostilidade.

Podemos abrir espaço para uma nota (auto)etnográfica:

*A sala é a porta de entrada da casa. Um sofá maltrapilho arruinado por felinos e uma vasta mesa se destacam entre os móveis. De relance se vê a cozinha, uma pequena mesa sobre a qual é difícil imaginar três pessoas tomando café; talvez façam isso na sala. Um corredor nos leva a uma sucessão de quartos, a partir dos quais se pode dizer quem ali habita. No primeiro, um menino. No segundo, uma mãe (ou um casal, ou um pai, se desconbecêssemos seus residentes). O terceiro não possui a função tradicional reservada a este cômodo, trata-se de uma espécie de biblioteca ou uma sala de estudos.*

Essa mera descrição de uma habitação (a minha própria) não nos auxilia em nada para compreendermos qual é a dimensão da casa para quem vive sob a dor crônica. 3/4, tantos banheiros, poucos ou muitos metros quadrados, nada disso seria substancial à análise.

Seguindo Bachelard, não basta considerar a casa como um objeto; não se trata de descrever casas e sumariamente averiguar via projeção e tamanho dos quartos, quantidades de móveis e todos os demais utensílios que a compõem, o que faz uma moradia ser uma casa e, então, medir seu conforto.

De poucas entrevistadas frequentei suas habitações, uma tarefa certamente não urgente.

Seja um etnógrafo, ou mesmo um geógrafo, estes profissionais podem descrever os mais variados tipos de morada. No entanto, sobre essa variedade de formas e construções, “o fenomenólogo faz o esforço necessário para compreender o germe da felicidade central, segura e imediata. Encontrar a

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

concha inicial em toda moradia, no próprio castelo [ou num casebre!] [...]” (BACHELARD, 2005, p. 24) é a tarefa elementar.

Por ora, um tanto mais fenomenólogo do que geógrafo, se assim posso me exprimir.

*A roupa é navalha na carne. A calça sangra o quadril. As costas estão nuas e se livraram de seu algoz – uma simples camisa<sup>11</sup>. Já não se está no recinto universitário e posso, por aí, desfilar meus músculos... mas não dá para tirar a calça, não é? O dia inteiro praticamente na rua fustiga o corpo. Sentar já nem adianta mais para aliviar a dor, os alongamentos também são de pouca ajuda neste momento. Felizmente, agora é apenas ir para casa e somente só. De ônibus ou a pé? Dessa vez, de ônibus. Em menos de cinco minutos, estou em casa: um short que apenas cobre a frente e pouco esconde atrás, deito no chão, pés sobre uma bola de pilates para relaxar tanto o quadril quanto a lombar. O mundo pode acabar agora. A leitura fresca na mente de Bachelard me faz lembrar do casulo protetor a definir o lar e me toco também que, em casa, seja lá o que isso signifique, eu também posso ser eu mesmo.*

Essa narrativa poderia ser replicada para várias de minhas entrevistadas, porém, é claro, sem passar pelo crivo de tantos estados afetivos como demonstrado neste simples trecho. Afinal, não foram fenômenos vividos por mim e nem, ao menos, visualizados *in loco* numa análise etnográfica. No entanto, mesmo o seu aspecto mais formal como relatos trazem à tona histórias brutais que revelam a essência da casa à luz dos problemas corporais, o que já nos fornece os indícios dessa dimensão intersubjetiva do experienciar o espaço, neste caso, a casa, para quem tem dor. Após o dia de trabalho, vejamos Lina:

[...] quando eu chegava em casa, eu sentava no sofá, não me chamava pra levantar [não me chamem, melhor dizendo], nem pra tomar café, nem pra tomar banho. E eu só tinha que tomar banho porque era necessário, porque era necessário; eu ia tomar banho lá pras dez, onze horas da noite, porque na época eu estava casada e precisava porque meu marido ia chegar, porque, senão, eu dormia como estava: com a mesma roupa do trabalho, porque, senão... [...] Quando eu chegava não era só a dor não, era o cansaço físico, a dor causa esse cansaço, ela causa esse cansaço que você, tipo, eu já acordava cansada e com o dia eu piorava, quanto mais cansada, mais dores eu sentia.

Difícil imaginar um cotidiano, dia após dia, desta constante e insidiosa batalha que é viver para quem tem dor crônica.

<sup>11</sup> Fenômeno da hiperalgesia, quando estímulos normalmente não dolorosos são sentidos como fontes de dor, ora leves, por vezes beirando o insuportável. Dentre os fibromiálgicos, é algo relativamente comum: “quando começou a ser as costas toda, como se tivesse aberto em ferida e, tipo, até um carinho, um tocar, doía, ninguém podia tocar. Era incrível, parecia que era uma coisa doen... [o sentido da frase, que ela não completa, é “doente da cabeça”, como se pode notar na continuação de sua arguição] Era uma coisa sem pé nem cabeça, que, às vezes, eu olhava assim, ‘não é possível, ou eu tou louca ou isso não existe’, porque, não sei, era horrível, você não podia... alça de sutiã, tudo, tudo o que te prendesse, era mais... era horrível” (Chica).

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

“Estirada num sofá”, única fonte de conforto do viver de Lina naquele momento. Os encontros sociais se esborram, as experiências de mundo se esvaem, dilema replicado em diversos outros casos em maior ou menor medida. Dos lugares vividos, é a casa quem adquire proeminência no ser.

Antes de retornarmos às imagens poéticas com Bachelard, vejamos o que Heidegger tem a nos ensinar acerca do habitar.

Primeiro, sua inversão: não se habita porque construímos, na verdade, só podemos construir na medida em que habitamos a terra. Do habitar o próprio construir emerge como solidificação do habitar. E no que consistiria “o vigor essencial do habitar?” (HEIDEGGER, 2012, p. 128). A linguagem e a poesia nos são, nesta tarefa, oportunas:

Da mesma maneira que a antiga palavra *bauen*, o antigo saxão "*wunon*", o gótico "*wunian*" significam permanecer, "de-morar-se". O gótico "*wunian*" diz, porém, com clareza ainda maior, como se dá a experiência desse permanecer. *Wunian* diz: ser e estar apaziguado, ser e permanecer em paz. A palavra *Friede* (paz) significa o livre, *Freie*, *Frye*, e *fry* diz: preservado do dano e da ameaça, preservado de... ou seja, resguardado (HEIDEGGER, 2012, p. 128-129).

Resguardar é, assim, “devolver” alguma coisa ao abrigo de sua essência, libertar para a paz de um abrigo. Com a ênfase do destaque conferido pelo próprio Heidegger, o autor assevera: “*o traço fundamental do habitar é esse resguardo*” (HEIDEGGER, 2012, p. 129).

Como comentamos, antes de sermos jogados no mundo, o ser humano é aninhado no seio da casa, o nosso primeiro universo, um não-eu que protege o eu (BACHELARD, 2005) na função de resguardo, de poder ser e estar apaziguado, livre do dano e da ameaça.

Henri Bachelin, em seu livro *Le serviteur*, traz à tona esse sentimento, essa experiência do habitar a casa (apud BACHELARD, 2005, p. 48):

*Eram horas em que, com força, juro, eu nos sentia como que eliminados da cidadezinha, da França e do mundo [...]. Nossa casa servia-me de cabana. Via-me ao abrigo da fome e do frio. Se eu tremia, era só de bem-estar [...]. Bem alimentado na minha cadeira, eu mergulhava no sentimento de tua força.*

Como analisa Bachelard (2005, p. 48), “o escritor nos atrai para a casa como para um centro de força, numa zona de proteção maior”. O poeta está longe das preocupações citadinas, o pensamento e a imaginação procuram e encontram um verdadeiro refúgio.

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

Mesmo com longos períodos em casa, a sensação que se “tinha era de acolhimento, de segurança e de... eu queria muito estar em casa” (Laís). O acolhimento do ninho, a segurança da concha. A proeminência do lar.

O ninho, como toda imagem de repouso, associa-se à casa por deveras aconchegante. Van Gogh, pintor de ninhos e choupanas, tem para si que um teto de palha o faz pensar no ninho de uma cambaxirra – “as choupanas de Van Gogh são sobrecarregadas de colmo. Uma palha espessa, grosseiramente trançada, sublinha a vontade de abrigar para além das paredes” (BACHELARD, 2005, p. 110).

A concha, por seu turno, um casulo protetor, é a fortaleza do caracol. Ninguém há de duvidar de sua força e resistência. Um ser tão pequenino precisa de tal refúgio.

Para quem experimenta tais dores, este refúgio é igualmente importante. A dificuldade de sair de casa, em muitos casos, é extrema: “só de imaginar sair e ter que subir escadas pra voltar” já embaraçava os planos de Laís.

Com aspas para iniciar a frase, “estar no mundo” é fonte (nem sempre, haja vista o apelo do lugar!) de mal-estar. Em termos estritamente físicos, isso porque simplesmente caminhar até o ponto de ônibus causa desprazer, pode levar à dor; isso porque, para além das dificuldades de deslocamento, simplesmente *não fazer absolutamente nada*, estar parado, num restaurante ou na casa de um familiar ou de amigos, também traz seus percalços. Eu poderia deitar num restaurante? No meio de uma confraternização eu poderia simplesmente abandonar tudo e ir para casa?

E eu sofri muito, muitas coisas no meu casamento devido aos problemas de saúde, porque o homem ele não aceita. Eu lembro que uma vez eu tava sentada e era Natal, e eu tava com muita dor, e eu não consegui ir pro Natal nem com minha família, nem com a dele. E eu não queria preocupar ninguém, naquele momento eu tava sentada na cama e ele voltou da festa e eu disse: “olhe, minha vida não é mais a mesma, ou eu faço de um jeito, ou eu saio de manhã, e não saio de tarde e de noite”, que eu já tinha saído de manhã no Natal, “ou eu fico em casa”. Aí eu fiz [perguntei]: “a minha vida mudou, e a sua? Vai mudar?”. Ele disse “não”; que não estava preparado pra isso e depois dali virou um inferno na minha vida, né? Porque ele criava situações pra brigar, pra me humilhar, pra sair pra arranjar outras mulheres, porque eu já não atendia as necessidades dele naquele momento, né? (Lina).

A casa possui um certo heroísmo, protege o ser contra o mundo exterior e todas as suas intempéries. Não é outro o motivo que – falo aqui como experiência pessoal – um semestre praticamente deitado não causava angústia. A angústia estava lá fora em meio às suas tempestades. A angústia é ir trabalhar e não saber se se pode aguentar. Na e pela casa, uma força sobrenatural protege o ser, como assevera Henri Bosco no conto *Malicroix* (*apud* Bachelard, 2005, p. 61):

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

*A casa lutava bravamente [...]. Tudo se vergou sob o choque impetuoso [da tempestade]; mas a casa, flexível, tendo-se curvado, resistiu à fera. Sem dúvida ela se prendia ao solo da ilha por raízes inquebrantáveis, e por isso suas finas paredes de pau-a-pique e madeira tinham uma força sobrenatural. Por mais que atacassem as janelas e as portas, pronunciassem ameaças colossais ou trombetassem na chaminé, o ser agora humano em que eu abrigava meu corpo nada cedeu à tempestade. A casa apertou-se contra mim, como uma loba, e por momentos senti seu cheiro descer maternalmente até meu coração. Naquela noite ela foi realmente a minha mãe.*

Existe maior conforto do que o colo de uma mãe?

### A CONTRADIÇÃO: TRAGÉDIA E ACONCHEGO, O PASSADO E O PRESENTE

Iremos abrir a presente seção com uma nota autoetnográfica. O objetivo desta nota era, primordialmente, mostrar o resguardo heideggeriano. No entanto, a escrita, quase que por si só, levou para outros meandros o escopo da análise no momento em que reabri o tempo para discutir aquela experiência.

Mas ver-se-á como “tudo se agita quando se acumulam as contradições” (BACHELARD, 2005, p. 60) – liberdade e prisão, ninho-fortaleza e solidão, se confrontam, se realçam.

*Oito ou dez horas, não faz a menor diferença o horário a se levantar, salvo os dias de hidroterapia às sete da manhã. Estes dias de acordar mais cedo eram especiais, traziam uma certa novidade a uma rotina das mais estreitas e, principalmente, impossibilitavam que eu rondasse para lá e para cá, já acordado, na cama.*

*Muito tempo em pé, muito tempo sentado, gera desconforto e dor. E com muito tempo me refiro apenas a, com boa vontade, cinco minutos. Igualmente, acordar – mas estar cansado a ponto de não conseguir levantar – e, assim, ficar “muito tempo” deitado, também provocaria estados corporais lastimáveis.*

*Oito ou dez, hora do desjejum. Entre mordidas no pão e goles de café, “apenas” uma pausa em pé. Tempo é o que se tem de sobra ao se ter cada vez menos corpo. As dores difusas se generalizaram e travam todas as atividades. Lazer já não existia. Tocar violão destruía meus braços e jogar bola, há muito tempo, vinha se tornando uma tarefa, propriamente uma tarefa e não fonte de prazer, das mais complicadas; com a cristalização e agudez da dor no quadril, completamente inviável. Andar dez minutos se tornava hercúleo, jogar bola, impossível. Ir para qualquer lugar era angustiante mesmo que fosse para não fazer nada, como nada fazia em casa.*

*Estudar também já não compunha o quadro de minhas atividades. Como estudar se a pessoa mal consegue poucos minutos sentada? Não havia outra saída senão trancar o mestrado.*

*O tempo sobrevoava os dias.*

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

*Tick... tack. Os três minutos sentados no sofá assistindo televisão haviam passado – para que esperar o limiar dos cinco se posso levantar a qualquer momento? Tick-tack. Dessa vez terminou a cota de tempo em pé. Tick... tack. Agora é melhor ficar um período deitado, onde, realmente, quase todos os músculos estão devidamente relaxados. Tick...*

*Tack, algumas horas se passaram e meu programa matinal preferido vai começar. “Quanto tempo falta para os desenhos da tarde?”. Tick, tack. À toa na vida, fui ver, da janela, a banda passar. Tenho certeza que minhas vizinhas – por desígnios do acaso, também da UFBA e, igualmente, estudantes do Instituto de Geociências – acham que sou um cafajeste e passo o dia olhando para a janela delas. Perdi a conta de quantas vezes nossos olhares se entrecruzaram [talvez por isso, hoje, elas tenham enormes cortinas].*

*Hora do almoço. Sento e levanto algumas vezes, almoçar toma mais tempo que o café. Tick, tack. Por meras questões de perspectiva, vou olhar a paisagem – uma inútil paisagem – através de outra janela. Um outro quarto agora. Tick...*

*Tack. “Massa, começaram os desenhos”.*

*Tick-tack.*

*Enquanto não chega a hora do café da tarde/noite, melhor responder os e-mails, mensagens, ver qualquer besteira na internet. Se meus braços estivessem ok, caçaria algum jogo de computador para distrair a mente. Mas nem digitar eu consigo.*

*Como não posso digitar, tick, invento histórias, tack, gravo-as, quem sabe um dia crio um livro. É um bom passa tempo para matar o tempo até os programas esportivos começarem; depois deles, a novela. Tick...*

*Apesar de você, dor, amanhã há de ser outro dia. Tack.*

*Talvez eu tenha hidroterapia ou psicólogo. Mas certamente serão episódios novos, talvez peixe e não carne, outros jogos para os comentaristas afiarem suas análises, talvez as meninas não me vejam, talvez surja um novo vilão.*

*Tick-tack.*

Improvável alguém não se sufocar com essa leitura, ou com os relatos de Lina, por exemplo. Legítima-se, inclusive, questionar a afirmação outrora empregada de que a angústia estaria lá fora e não na casa.

Tick-tack soa à náusea. Como alerta Merleau-Ponty (1999), um presente sem porvir ou um eterno presente é exatamente a definição da morte. Nada mais acontece, nada adquire sentido e forma, tudo o que existe são, apenas, “agoras” sempre semelhantes, no qual a vida refluí sobre si.

Quanto à nossa nota etnográfica (talvez esta nem deva chamar-se assim), deve-se dizer, a mesma foi escrita muito tempo depois desta experiência ter sido propriamente vivida.

Se tivesse a pretensão de descrever “como ela foi de fato”, a escrita certamente seria diferente. No entanto, o objetivo desta nota era justamente mostrar como, mesmo envolto à mesmice, na

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

repetição, neste presente sem porvir, na morte, a vida reluzia na casa porque as exigências do corpo não se faziam presentes (nem as sociais).

O resultado de captar uma “genuinidade” da experiência tal qual ela foi também tem sua ingenuidade. O tempo é um ambiente ao qual só se pode ter acesso e que só se pode compreender ocupando nele uma situação e apreendendo-o através dos horizontes dessa situação (MERLEAU-PONTY, 1999). Em reflexão sobre a mesma obra do filósofo francês, *Fenomenologia da Percepção*, Mbembe (2014) nos fala da relação íntima entre o tempo e a subjetividade, uma constituição interna na qual a análise do tempo é a maneira de aceder à estrutura concreta e frugal da subjetividade.

Neste contexto, minha situação é o agora, só me conheço em minha inerência ao tempo e ao mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). Minha situação é marcada por uma recuperação parcial que me faz olhar com ressalvas o passado vivido – “como, por mil carambolinhas, aguentei todo aquele tempo em casa?”. Uma mudança subjetiva e corporal, afinal mal ou bem não me encontro na situação de tempos atrás, mudou o próprio tempo, ou pelo menos a forma de percebê-lo. Como diria Sartre (2003, p. 162), “meu passado não aparece jamais no isolamento de sua ‘preteridade’; seria até absurdo considerar que pudesse existir como tal: é originariamente passado deste presente”. Nesta dialética onde as contradições se assomam e se espelham, em que tudo se agiganta, o olhar retrospectivo enxerga a casa enquanto prisão, reconhecendo que, na realidade vivida à época, por ser prisão, era libertária. Pura poesia de ninho e de concha.

[...] se, por exemplo, a consciência que tenho agora de meu passado me parece recobrir exatamente aquilo que ele foi, este passado que pretendo reapreender ele mesmo não é o passado em pessoa, é meu passado tal como o vejo agora e talvez eu o tenha alterado (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 107).

E como eu alterei esse passado, o tempo, simplesmente, anda mexendo com a gente. “Andar” aqui é quase literal, em seu fluxo, também nos transformamos.

O fato de percebê-lo hoje com outras lentes não dilacera o sentimento vivido no seio materno, na concha da casa. Aliás, o seu questionar não deixa de ser uma forma de exaltá-lo. O espanto nada mais é que o reconhecimento de seu valor de ninho.

Por isso os exemplos pululam e não houve quem questionasse, como já comentado, o valor da casa. Mesmo quando a reclusão é quase total, quando apenas o “quarto e a igreja” sintetizam a vida social, até quando “a vida se resume nisso” (Lina) – *no sagrado da igreja e da casa* – o lar está aquém e além da prisão como pode parecer para terceiros..., mas não para quem a vive. Num relato talvez mais originário que o do presente autor (porque devidamente atual), é a própria rotina na casa que a torna



## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

concha e ninho. É ainda mais interessante analisar o caso de Lina porque a casa, mais especificamente, o quarto, ganha uma dimensão quase sacra e, como assevera Bachelard (2005), a casa é um espaço louvado.

Minha rotina, assim, eu tento não me... eu não posso mais chegar e fazer uma faxina, daquela que mulher gosta de fazer né, então, assim, às vezes minha irmã me ajuda, minha mãe me ajuda né [são vizinhas], quando eu tou numa fase mais debilitada. E, às vezes, e agora que tou numa fase mais tranquila, limpo meu quarto, mas tipo de varrer e passar pano só, né? Eu faço coisas que não me cansam; hoje eu tou com o dia livre porque não trabalho, tou pelo INSS por enquanto. Então eu tenho... eu acordo de manhã, oro, leio a Bíblia, por isso que minha rotina é mais dentro do quarto, porque eu gosto de fazer isso. Volto a dormir, porque a manhã pra mim é muito difícil, então, eu tenho que fazer tudo depois do meio dia, porque, pela manhã, eu acordo com dores e eu sei que se não tiver um repouso, eu não tenho uma noite muito boa de sono. Às vezes porque... às vezes até mesmo pra arranjar o movimento dormindo pra não sentir dor, você acorda de manhã cansada e esse cansaço me faz sentir dor ao longo do dia, então descanso. Repouso durante a manhã, né, leio a palavra, a Bíblia, oro e tou ali na minha cama, no meu quarto, umas nove, dez horas. Durmo um pouquinho, cochilo uns 10 minutos, já me renova da madrugada que eu não tive boa; aí volto, vou varrer o quarto se tiver que varrer mais alguma coisa, né, não faço comida sempre; na maioria das vezes minha mãe cozinha pra mim. Então eu já pego a comida pronta e se eu tiver em casa durante o dia, já tou no descanso de novo à tarde; durmo geralmente à tarde pra ir pra igreja à noite (Lina).

Em vistas de minhas próprias dores, transcrição de entrevistas não é algo que eu possa me dar o luxo de fazer, os dedos não aguentam. Quem fez o trabalho comentou comigo – explicitando em seu linguajar juvenil a dualidade “olhar de fora” x “experiência de quem vive” – como era “pesadíssima a história dessa mulher, fiquei triste só de ler; aquilo de ficar em casa o dia todo praticamente dormindo, sem falar no marido que largou ela, é barril demais”.

Não que nos sintamos felizes com nossa condição e isso até o ponto de, para os religiosos, chegarem a reclamar com Deus – “mesmo com todas as contrariedades que, às vezes, já que eu tenho uma certa intimidade, às vezes eu brigo com Ele, ‘por que isso? Pra que que tem que ser assim?’” (Chica) – certamente o cotidiano visto por meu amigo como absolutamente desolador dentro de casa, para Lina e para muitas outras (como o fora para mim no passado), por ora ao menos, é cerne de uma vida minimamente mais tranquila. A casa enquanto concha e ninho é elementar neste fundamento topofílico que barra, senão a angústia pelo aspecto geral de uma vida massacrada pela dor, inibe, ao menos, qualquer sentimento de enclausuramento.

A ideia de fortaleza pode sintetizar muito fielmente a vultosa contradição. Fortaleza, de um lado, pode ser a proteção do castelo – impenetrável (as exigências do mundo lá fora não me são aqui necessárias), soberano (posso me livrar de todas as roupas que amarram o corpo) e no qual se reina (lembremos do “eu posso ser eu mesma”). Mas, de outro lado e com outro significado, fortaleza também é vigilância, clausura e solidão.

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

A presença da casa como único espaço habitado por conta do esvair do espaço social em consequência, muito fortemente, das limitações físicas, apresenta – analítica e racionalmente – este duplo esteio. Mas o mundo vivido não se presta, necessariamente, a um escopo analítico. Sua lógica, se pudermos falar de lógica, apresenta outro crivo. O habitar – no sentido heideggeriano do termo – resiste à racionalidade, a poesia lhe confere o caráter. Poeticamente, no limiar do paradoxo, a casa é, loba-mãe, um espaço louvado. E a dor, justamente, realça essa dimensão “sacra” da casa.

### CONCLUSÃO

Tentamos explicitar como a casa é vivida e percebida para quem tem dor crônica. Nesta empreitada, ilustramos o processo de dessocialização do espaço e como o lar emerge, então, como *locus* privilegiado da existência desses sujeitos. Mesmo com a sociabilidade reduzida, numa espécie de prisão domiciliar decorrente da percepção comum entre nós de que estamos presos a um corpo incapacitado, a casa resguarda as possibilidades de conforto e liberdade, de estarmos sob a paz de um abrigo, livre das intempéries – a definição do próprio habitar segundo Heidegger (2012) – e se decanta, o lar, belamente enquanto concha e ninho. A essência da casa, pode-se dizer, é ainda mais reforçada à luz de quem vive sob a tutela da dor em estado crônico.

Estamos na seara própria de uma experiência limite do habitar, experiência limite do habitar o mundo e do habitar a casa.

Experiência limite do mundo vivificada pela casa e pelo que ela amálgama – a foraclusão<sup>12</sup>: a casa situa o corte do mundo sem, entretanto, poder de todo empreender este corte. O mundo sempre e ainda aprece no horizonte, por mais que se queria negá-lo.

Experiência limite da casa porque, nos limites do absurdo – da dor, da solidão, do anseio pelo fim, como clamava Vilma –, ela (a casa) se situa na perpétua e dissolvida tensão entre o enclausuramento e o repouso do ser. O que soa, para terceiros, como prisão, é a liberdade de poder-ser livre do dano e da ameaça, por isso a tensão se dissolve e a casa emerge enquanto lar em face à cronicidade de um quadro algico.

---

<sup>12</sup> Na perspectiva laciana, a foraclusão pauta o mecanismo da psicose: algo que foi alijado do sujeito e que sequer fora integrado no inconsciente (como ocorre com a histeria), permanecendo, portanto, excluído da constituição psíquica. No entanto, o que permanecia, então, *fora*, retorna sob o manto da alucinação, tornando-se, assim, *incluído* – foraclusão (MARTINS, 2019). Nos valem do termo para evidenciar a experiência da casa e suas implicações sob o pesado manto da dor: ao mesmo tempo em que, na sua vivência, se quer estar longe do mundo (*fora*), o corte absoluto inexistente (*inclusão*). Inevitavelmente (ou, em outros termos, ontologicamente), somos e estamos no mundo.

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

Segundo Bachelard (2005), o aconchego da casa abriga o devaneio e protege o poeta, permitindo-nos sonhar em paz. Similarmente, o aconchego casa abriga-resguarda o corpo, permitindo-nos viver (nós que dia após dia estamos sob a tutela da dor) com um pouco de paz.

Numa análise historiográfica da casa, vê-se que, para além do abrigo e proteção frentes aos condicionantes ambientais, em sua dimensão simbólica, a casa também nos protege (nós, seres sociais) do desamparo que marca o humano face à experiência do existir (FERREIRA, 2021). No desamparo da existência vilipendiada pela dor, fática e simbolicamente, a casa adquire proeminência no ser. E da tensão prisão-ninho, a casa se qualifica, sob a condição dolorosa crônica, enquanto lar.

### REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado, 2005.
- BARRETO, Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Escala educacional, 2008
- BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, Nicholas. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia; (Org.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 93-116.
- BRETON, David Le. *Antropologia da dor*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- CARVALHO, Caê. O corpo e o espaço na cotidianidade da dor: o apelo dos lugares. 2021. *Dissertação* (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.
- CARVALHO, Caê. O apelo dos lugares às afecções dolorosas crônicas. *Hygeia – Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Uberlândia, v. 18, p. 144-163, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Hygeia1861286>. Acesso em: 15/05/2023.
- CHAVEIRO, Eguimar. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia; (Org.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 249-280.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FERREIRA, Marina. “Lar doce lar” – a cozinha como centro afetivo da casa. *Geograficidade*, Niterói, v. 11, n. 2, p. 73-86, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27450/32902>. Acesso em: 13/05/2023.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*, Volume XIV: A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*, Volume II: Estudos sobre a histeria. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

HEIDEGGER, Martin. *Ser e o tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. São Paulo: Edições 70, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia; (Org.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 281-304.

INGOLD, Timothy. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAURINDO, I; XIMENES, A; LIMA, F; PINHEIRO, G; BATISTELLA, I; BERTOLO, M; ALENCAR, P; XAVIER, R; GIORGI, R; CIONELLI, R; RADOMINISK, S. Artrite reumatoide: diagnóstico e tratamento. *Revista Brasileira de Reumatologia*, São Paulo, v. 44, n. 6, p. 435-442, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbr/a/Wdk9p87DbzP4HBDt5vPsZdg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05/05/2023.

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. México: FCE, 2006.

MÁRQUEZ, Gabriel. *Crônica de uma morte anunciada*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

MARTINS, Viviane. A forclusão do nome-do-pai: lógica do significante e topologia dos nós. *Agora*, Rio de Janeiro, v. XXII, n. 3, p. 290-298, 2019. Disponível em: - <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142019003004>. Acesso em: 13/05/2023.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Portugal: Antígona, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *The visible and the invisible*. Evaston: Northwestern University Press, 1968.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos – psicossociologia e filosofia*. Campinas: Papirus, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOSS, Pamela; DYCK, Isabel. *Women, body, illness: space and identity in the everyday lives of women with chronic illness*. United States of America: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

OS PARALAMAS DO SUCESSO. *Quase um Segundo*. Rio de Janeiro: EMI, 1988.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, v. 4, n.7, p. 1-25, 1979.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia; (Org.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

## A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. EK23030

SARAMAGO, Ligia. Como ponta de lança: pensamento do lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia; (Org.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 193-226.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

TOLSTÓI, Liev. *A morte de Ivan Ilitch*. São Paulo: Editora 34, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.



CARVALHO, Caê Garcia. A TRAGÉDIA E O ACONCHEGO: A CASA COMO REPOUSO DO SER NOS QUADROS DE AFECÇÃO DOLOROSA CRÔNICA. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.2, 2023, eK23030, p. 01-20.

Recebido: 05/2023

Aprovado: 06/2023